SÉRIE SAGRADA - 10

N.º 10
Cr$ 5,00

Série Sagrada

JUNHO
1954

EBAL


scan by Barbier
www.guiaebal.com

SÃO JOSÉ SARTO
(O SANTO PAPA PIO X)

SÃO JOSÉ SARTO (O SANTO PAPA PIO X)

Nil Obstat
Monsenhor Mello Lula
Censor ad hoc
Nit., 30 de junho de 1954

Imprimatur
† João, Bispo Diocesano
Nit., 30 de junho de 1954

ORIENTAÇÃO DO CÔNEGO ANTÔNIO DE PAULA DUTRA

"PARÁBOLAS e Poemas do Novo Testamento", é o título da nossa próxima edição da SÉRIE SAGRADA.

A TRADIÇÃO da família católica brasileira fala-nos contìnuamente do Presépio de Natal. A figura do Menino Jesus na mangedoura, da Virgem e de S. José, as dos Reis Magos e dos animais, contemplativos, em derredor — tudo isso nos fala bem ao coração nas festas da cristandade. Para êste ano estamos preparando, impresso em cartolina, um Presépio de Natal que não deverá faltar em nenhum lar da família católica. O seu formato, armado, será de quase um metro. Já vincado, recortado e picotado, não se precisará de cola nem de tesoura para armá-lo. Na próxima edição desta nossa revista vamos publicar, a côres, a miniatura dêsse maravilhoso Presépio para o fim do ano.

A HISTÓRIA de S. Cosme e S. Damião será uma das nossas próximas edições. A História de S. Jorge também já está quase concluída.

Todos os números atrasados da Série Sagrada poderão ser adquiridos sem aumento de preço. A expansão desta nossa revista, aprovada pelas autoridades eclesiásticas, é realizada pelos próprios católicos, em suas paróquias, colégios e instituições. Pelos telefones 28-0194 (Rio de Janeiro) e 33-4606 (S. Paulo) atenderemos, prazeirosamente, qualquer pedido de mais exemplares.

EDIÇÕES DA

Série Sagrada

N.º 1 - História do Papa Pio XII

N.º 2 - História de N. S. de Fátima (4.ª Edição)

N.º 3 - História da Virgem Maria (2.ª Edição)

N.º 4 - Rei do Reis (Adaptação Fotográfica da Vida de Cristo)

N.º 5 - História de Cinco Santos (São Tomé, Santa Margarida, Santa Germana, São Cristóvão e Santa Zita)

N.º 6 - História de Santa Joana d'Arc

N.º 7 - História de Quatro Missões (I - A Fé Era a Sua Espada; II - O Apostolado Do Sagrado Coração; III - Missão Para Com o Mundo; IV - Como Os Frades Foram Para Os E. U. A.)

N.º 8 - Histórias do Novo Testamento

N.º 9 - História de Dois Mártires (Cardeal Mindszenty e Padre Tiso)

N.º 10 - São José Sarto, o Santo Papa Pio X



HISTÓRIA DE JESUS
(100 Páginas)



A BÍBLIA
Antigo Testamento
(Edição de Luxo)





Editôra Brasil-América Limitada

DIREÇÃO DE ADOLFO AIZEN

Rua Gen. Almério de Moura, 302 (Antiga R. Abílio) São Januário) — Telef. 48-6391

Rio de Janeiro (Df) Brasil


+ Pius PP. X

O Menino Beppo

"Agora estou certo de que êste pequeno Sarto virá a ser algo de extraordinário!" As palavras do Padre Tito Fusarini foram ouvidas apenas por uma abelha dourada que saiu zumbindo de dentro da casa paroquial para a manhã clara e ensolarada na velha aldeia italiana de Riese. O menino Beppo Sarto já havia desaparecido, dobrando uma esquina, quando o Padre Fusarini fechou a porta e se recolheu à velha casa de pedras.

Mas o cura da aldeia não podia esquecer as palavras de Beppo naquela manhã. Depois da missa matinal, êle viera à casa paroquial para a lição de latim. O Padre Fusarini havia começado aquelas lições algum tempo antes, sabendo que Beppo era um menino inteligente e capaz de aproveitá-las. Na verdade, êle sempre nutrira esperanças de que Beppo viesse a seguir os estudos sacerdotais, mas, mesmo assim, sentia-se agora dominado por profunda emoção.

O velho Padre sentou-se pesadamente e se pôs a recapitular tudo quanto sabia a respeito do seu aluno predileto. Beppo — cujo verdadeiro nome era José, mas que todos substituíam pelo diminutivo Beppo — era o filho mais velho da família Sarto. Seus pais eram boa gente, embora pobres. O pai trabalhava como carteiro, sapateiro remendão e bedel de escola; a mãe costurava para as mulheres da cidade; tôdas as crianças ajudavam nos trabalhos caseiros e na horta; no entanto, mal conseguiam subsistir à pobreza em que viviam. Por outro lado, os Sartos, apesar de tão humildes, podiam servir de exemplo para o povo de Riese. E quem mais se destacava entre êles era Beppo! Padre Fusarini pensava nos cuidados do menino por seu irmão Ângelo e pelas irmãzinhas. E, também, na sua popularidade como o melhor garotinho daquela idade em Riese. Mas o que sobremodo impressionara Padre Fusarini fôra o fervor de Beppo perante o altar. A sua devoção era tal que Padre Fusarini o fizera primeiro coroinha, embora isso importasse em fazê-lo passar à frente de muitos meninos mais velhos do grupo, que contavam ser os escolhidos. O pensamento de Padre Fusarini voltara-se para a lição de latim daquela manhã. Beppo havia começado como de costume. Surpreendido, o mestre observou logo que o pequeno tudo sabia perfeitamente. Súbito Beppo parou de pronunciar a lição e o padre, erguendo a cabeça, viu-o de olhar perdido no espaço.

— *Em que pensas, José?* — perguntou.

O menino não respondeu logo. Depois, virando-se para o mestre, disse:

– *Padre, bem sabeis que fiz a minha Primeira Comunhão domingo passado.*

— *Sim, José.*

— *Eu já havia pensado nisto antes, mas de repente, no domingo, fiquei convencido de vez. Quando recebi a Primeira Comunhão senti que aquêle era o momento mais feliz de tôda a minha vida e compreendi imediatamente que deverei abraçar a vida eclesiástica!*

E agora, recordando a cena, o rosto do Padre Fusarini se abria num sorriso beato. Na verdade, José era pobre e não poderia custear as despesas dos anos de estudos. Mas a sua vocação era sincera e não lhe faltava inteligência nem saúde para tanto.

— *Sim, meu pequeno Beppo...* — disse o Padre em voz alta, para si mesmo, dentro do silêncio que o envolvia. *Havemos de encontrar um meio!*



No Ginásio

A faixa de estrada poeirenta que serpenteia por quatro milhas, entre Riese e a cidade vizinha de Castelfranco, tem as pegadas dos séculos impressa em tôda a sua extensão. Ela já existia como caminho quando as legiões romanas a transformaram em estrada de guerra. Todavia a guerra era o mais afastado de todos os pensamentos na mente daquele menino de doze anos que enveredava por ali, do lado de Castelfranco, numa tarde do ano de 1846.

O jovem José Sarto vinha justamente de terminar mais um dia de estudos no ginásio de Castelfranco, e se dirigia apressado para casa, em Riese, onde o aguardavam os habituais afazeres domésticos. Uma vez longe da cidade, José sentou-se num tronco de árvore e tirou os sapatos. O calçado era necessário para ir à escola e para atender à Missa, mas José não via nenhuma razão para usá-lo durante as suas caminhadas diárias entre as duas cidades. Papai Sarto havia trabalhado duramente para conseguir aquêles sapatos e José não tencionava gastá-los mais depressa do que o que fôsse absolutamente necessário.

Depois de pendurá-los pelos cadarços em volta do pescoço, o menino retomou o caminho de descida rumo a casa. Naquela tarde êle assobiava e andava um pouco mais ligeiro do que de costume. Afinal de contas, nem em todos os dias havia tanto no que pensar.

Naquela mesma tarde José tivera conhecimento de que êle era o primeiro de tôda a classe! Como Padre Fusarini o havia avisado de que as suas notas deveriam ser suficientemente boas para o fim de o poderem qualificar ao seminário, José se regozijava de poder levar a notícia à casa paroquial. Assim estava vencido o primeiro grande obstáculo do caminho para o sacerdócio!

Três milhas foram percorridas ràpidamente. José não sentiu cansaço naquela tarde, ao contrário do que se dava nos outros dias. Êle se tinha levantado como sempre antes do amanhecer e ajudara a Missa matinal. Depois havia feito a caminhada até Castelfranco para as aulas da manhã. Sua hora de almôço fôra empregada em ensinar os pequenos Finazzis, cuja mãe lhe dava a refeição em troca das lições — o que aliviava o orçamento da família Sarto.

Mas foi ao terminarem as aulas da tarde que êle recebeu a grande notícia. A sua média elevada dava-lhe a possibilidade de ser o primeiro estudante de tôda a província por ocasião dos exames anuais a se realizarem na cidade de Treviso. Êle havia ganho o grande prêmio no ano anterior e esperava tornar a ganhá-lo novamente.

Súbito ouviu-se um brado e dos dois lados da estrada um grupo de crianças correu para êle.

— *Beppo!* — gritava um menino pouco menor do que José.

— *Beppo!* — exclamava o resto do bando. *Assustamos você!*

José parou e riu com êles. Êle estava habituado àquela brincadeira e representava bem o seu papel. O pequeno bloco travêsso seguiu estrada abaixo fazendo ecoar a sua alegria pelas colinas próximas; depois desviou-se para um dos lados e enveredou por uma pequena casa adentro. José Sarto chegou a casa, para junto de sua família.



Seminarista em Pádua

Não foi difícil a Padre Fusarini obter auxílios para um menino de tão boas qualidades como José. E os seus êxitos como estudante foram mais uma recomendação para o Cardeal Patriarca de Veneza, também êle natural de Riese, que premiou o jovem Sarto com uma bôlsa de estudos para o egrégio seminário de Pádua.

Desde o começo José foi um seminarista ideal. Seus professôres eram unânimes em considerá-lo um estudante incomum. Além disso, todos estavam impressionados pela sua profunda espiritualidade. Um dêles reparou especialmente que, desde o primeiro ano em Pádua, José nunca faltara às aulas preparatórias ministradas aos seminaristas para o ensino da religião.

Mas, no momento, José outras coisas tinha em que pensar. Três meses antes, encontrara um velho conhecido de Riese. Soubera que o pobre homem estava doente e faminto. Sem recursos próprios, José não podia comprar alimentos para o conterrâneo, mas, comendo menos à mesa do seminário, poderia conseguir manter-se e ajudar o velho amigo! Assim fêz! Durante três meses José conservou acesa a centelha de vida que se extinguia no corpo do ancião. Todavia a moléstia foi mais forte que o adjutório dos alimentos. O homem morreu. E então, relembrando todos aquêles transes, José pôde verificar quanto o triste episódio espelhava os seus próprios problemas.

Tendo perdido o pai pouco tempo antes, José sentia intensamente a morte do amigo. Sua mãe havia ficado sòzinha com o encargo de uma grande família de seis meninas e dois meninos. José orçava apenas pelos dezessete anos, naquela época, e era o mais velho dos irmãos.

Então propôs deixar o seminário e tomar um emprêgo. Sua mãe, porém, recusou enèrgicamente. Ela garantia o sustento da família sem o seu auxílio. Iria trabalhar mais ainda do que antes e Deus a ajudaria a suprir as necessidades de todos.

E com a sensatez que José tanto admirava em sua mãe, ela o convenceu a continuar no seminário, pois nada podia nem devia impedir o caminho de uma verdadeira vocação. José seguiu o conselho, mas, ao mesmo tempo, o seu coração sangrou pela pobre e frágil criatura que ia sacrificar-se a fim de o manter na escola. E agora, ajoelhado à cabeceira do amigo, tudo isso lhe parecia claro como cristal.

O seu sentimento de piedade pela mãe não era menor, mas êle compreendia a situação real.

— *Foi o orgulho que me impediu de ver isso antes!* — exclamou. *Minha mãe tinha razão. Devo continuar os estudos. Tenho uma vocação; e o que há de mais maravilhoso no mundo é ser sacerdote — um sacerdote humilde como eu o desejo ser!*



Modelagem de um Clérigo

O Padre Antônio Constantini era um homem idoso e já havia visto muitos coadjutores passarem pela pequena paróquia da cidade de Tômbolo, onde era vigário. Sentado à sua escrevaninha, êle mordia a caneta refletindo como exprimir em palavras as suas observações sôbre o Padre Sarto.

Com um suspiro, pousou a caneta, relembrando o seu primeiro encontro com o jovem sacerdote, então recém-ordenado e com, apenas, vinte e três anos àquela época. Ordenara-se um ano antes de atingir a idade exigida pela Igreja, graças a uma dispensa especial obtida sem dificuldades, no dia 18 de setembro de 1858.

Além disso, em vez de ordenar José Sarto em Treviso, o Bispo viera a Castelfranco para a cerimônia, alegando querer dar a tôda a aldeia uma oportunidade de assistir a um ato religioso pouco comum. Por conseqüência, Padre Constantini imaginara que o novel sacerdote esperasse mais favores quando êle apresentasse o seu relatório à primeira paróquia.

Contudo, não tardara muito que o venerando pároco mudasse de opinião. A chegada do Padre Sarto havia sido discreta e humilde. Era uso em Tômbolo que o pároco e seu coadjutor tivessem moradias separadas. Nas raras ocasiões em que Padre Constantini fôra à casa do seu auxiliar, ficou estupefato com a modéstia e a pobreza do mobiliário. Êle soubera que o Padre Sarto gastava o seu dinheiro tão depressa como o recebia, mas lhe parecera que o seu coadjutor bem poderia economizar um pouco para comprar móveis menos precários.

Um dos empreendimentos de Sarto que mais vivamente impressionaram o velho vigário fôra a escola noturna. Em verdade, nas aulas de instrução religiosa que o Padre Sarto organizou viu êle desenvolver-se um ensino geral, embora irregular. Adultos que nunca haviam tido oportunidade de se educarem, estudaram depois, sob a direção do moço sacerdote, mais ou menos tudo quanto podia ser ensinado. E o que mais surpreendia o Padre Constantini era o fato de, qualquer que fôsse o assunto abordado pelo Padre Sarto numa daquelas noites, os alunos acabavam sempre, mais cedo ou mais tarde, por aprender coisas sôbre a religião. Ninguém pagava pelas aulas, mas todos deviam fazer uma promessa: cessar de usar a linguagem profana tão comum em Tômbolo quando lá chegara o jovem padre.

Não havia dúvida, a passagem de Padre Sarto por Tômbolo deixara vestígios indeléveis. Era muito raro ver-se um coadjutor recrutar tôda uma cidade sob a bandeira de Cristo, mas o bom exemplo do Padre Sarto e a sua persistência no ensino da religião trouxeram um novo espírito para a velha cidade.

De súbito Padre Constantini segurou a caneta novamente. Agora êle sabia o que escrever. Devagar e conscienciosamente a pena começou a delinear palavras: "*Mandaram-me como coadjutor um jovem padre com ordens de o ambientar nos deveres do sacerdócio, mas, em verdade, deu-se o contrário. Êle é tão zeloso, sensato e cheio de prendas valiosas que sou eu quem pode aprender dêle. Dia virá em que a Mitra cobrirá a cabeça do Padre Sarto, disso tenho certeza.*"



Cura de Aldeia

Em 1867 o Padre Sarto recebeu nova designação. Seu Bispo entendeu que o momento era chegado de elevar no sacerdócio eclesiástico o diligente coadjutor de Tômbolo. Padre Sarto foi informado de que deveria ocupar a paróquia da pequena cidade de Salzano. O novo pároco não tardou a constatar que Salzano era exatamente igual às demais pequenas cidades do norte da Itália. Seus habitantes eram pobres e a ignorância completa da religião mantinha muitos dêles afastados da Igreja.

O jovem vigário sabia o que tinha a fazer. Êle já havia passado por isso em Tômbolo; mas a pobreza daquela gente constituía novo problema.

Antes da sua chegada a Salzano, quando alguém precisava de dinheiro era forçado a recorrer a agiotas. Êles cobravam juros tão altos pelos empréstimos que, geralmente, o pobre devedor perdia tudo quanto possuía na tentativa de resgatar a dívida. Isso era injusto, mas a lei não o impedia. Padre Sarto sabia que nada podia fazer contra os usurários. Resolveu então experimentar um plano.

Reunindo certo grupo de amigos, fêz com que êstes depositassem quantias para um fundo de empréstimos. Depois, Padre Sarto que dirigia o capital, fêz saber que emprestaria dinheiro a quem fôsse merecedor disso. Não seriam cobrados juros mas apenas pequenas contribuições para que as reservas se pudessem manter.

Como é natural, isto interessou aos pobres de Salzano e êles reconheceram que ali estava um homem disposto a ajudá-los. Breve começaram a tratá-lo como a um pai espiritual.

Quanto mais os moradores de Salzano conviviam com o pároco melhor compreendiam não ser êle um homem como os outros. Por exemplo, tôda a cidade comentou, respeitosa, no dia em que o pároco ajudou, êle mesmo, a carregar um morto para o cemitério, a três milhas de percurso.

Breve a sua instituição de crédito e suas demais organizações se desenvolveram de tal maneira que se tornou necessário retirá-las da casa paroquial para um novo edifício. Mas todos se sentiram felizes em poder contribuir para a construção do prédio, bem no coração da cidade. E aquêle edifício veio a ser o centro de tôda a sorte de escolas do burgo.

Em 1875 o Bispo resolveu que o Padre Sarto fôsse para Treviso, a cidade principal da diocese. Lá, elevaram-no à dignidade de cônego da Catedral, chanceler de tôda a diocese e diretor espiritual do seminário. Êstes eram três dos mais importantes cargos da diocese e Padre Sarto a todos deslumbrou com a sua invulgar operosidade. Seus colegas de sacerdócio não concebiam como era possível a êle encontrar tempo para todo trabalho de que era incumbido.

Mas quatro anos mais tarde, por ocasião da morte do Bispo de Treviso, todos viam que o dinâmico sacerdote podia fazer ainda muito mais. O pequeno camponês ia prosseguindo na sua áurea caminhada. Fôra nomeado cônego. E enquanto o Papa refletia sôbre a escolha do novo Bispo, êle foi encarregado de dirigir os assuntos da diocese!



Em Mântua

— O problema de ser um grande homem — disse o Cardeal ao seu secretário *— é ter êle de continuar a ser sempre um grande homem!*

— Queira perdoar, Eminência, mas não compreendi!

— Bem, veja o novo Bispo, chamado Sarto. Por tôda parte onde êle tem andado causa boa impressão tanto aos seus superiores quanto à sua gente pela santidade de que se reveste e pelo jeito sutil de conseguir que tudo se faça correto. E cada vez que êle se vai firmando, logo o destinam a encargos ainda mais pesados. Mesmo a Sua Santidade, o Papa, já o mencionaram! E veja o que aconteceu: êle agora é Bispo de Mântua!

— Mas desde há um ano que êle é Bispo de Mântua, Eminência. Além disso, Vossa Eminência parece dar a entender que ser Bispo é mau!

— Oh, não, por certo! Ninguém ignora que ser Bispo é uma grande honra eclesiástica. O Bispo atinge a "plenitude do sacerdócio" e isso é qualquer coisa de maravilhoso! É a Mântua que eu me quero referir! O povo de lá está distanciado da igreja e, além disso, o govêrno odeia os Bispos. O Bispo Sarto conseguiu, afinal, firmar o pé na sua diocese. Não há muito tempo um Bispo teve de sair de lá hostilizado pela população! Os mantuanos são um bando de brutos. Não guardam o domingo, casam-se sòmente perante juízes civis, riem-se dos regulamentos quaresmais e da observância dos deveres de Páscoa!

O Cardeal cessou de falar mas os seus pensamentos continuavam em Mântua. Êle não havia descrito ao secretário nem a metade do que sabia da maldade daquela cidade, mas agora o seu espírito se voltava para o Bispo Sarto. Lembrava-se das suas palavras e do seu semblante no dia da consagração. O lema do Bispo Sarto era impressionante: *"Restaurar tudo em Cristo!"* E como brilharam os seus olhos ao pronunciar estas palavras! Não havia dúvida que êle vivia segundo êsse lema, mas em Mântua talvez tivesse de sacrificar-se por êle! Mas ainda havia a questão do relatório anual do Bispo Sarto. Foi pensando nesse relatório que o Cardeal abordara o assunto de Mântua.

Então o Cardeal se lembrou de que um dos grandes dons do Bispo Sarto era a dedicação que demonstrava sempre pelo ensino do catecismo. Tanto que até solicitara ao Papa Leão XIII autorização para a adoção de um único catecismo a fim de que todos os italianos aprendessem simultâneamente as respostas!... Imaginem! Segundo o relatório, até o próprio Bispo estava ministrando aulas no seu pequeno seminário!... .

Depois o Cardeal reparou também que o Bispo não se queixava de intervenções hostis do Govêrno. E que as antigas dificuldades de relações entre o Govêrno e a Igreja não mais existiam!...

Tôda aquela sucessão de fatos levaram o Cardeal a compreender o que estava acontecendo. Seus olhos se ergueram para o secretário estupefato, ao mesmo tempo que balbuciava palavras embargadas pela emoção:

— "Restaurar tudo em Cristo!" é o seu lema. E eu acho que estamos assistindo a um milagre, observando o que está fazendo o Bispo Sarto em Mântua!



O Bispo

Ao todo, o Bispo Sarto passara oito anos em Mântua.

Logo à sua chegada ali, êle encontrou um seminário mais ou menos paralisado. Um Sínodo, onde todos os padres da diocese tiveram assento, foi convocado para que o Bispo explicasse ao seu clero o que dêles esperava. Reorganizou o seminário e deu início às aulas. Além disso, êle mostrou pessoalmente aos seminaristas como deve ser ensinada a religião.

Hàbilmente evitou atritos entre as funções da Igreja e as autoridades do Estado. Conseguiu um entendimento com o govêrno da cidade e recomendou aos católicos as palavras de Cristo: "*Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus!*"

O Bispo Sarto havia compreendido o poder da imprensa já no seu tempo de seminarista. Por isso fundou um jornal católico que intitulou "Cidadão de Mântua", e o distribuiu por tôda a diocese.

No princípio os mantuanos receberam com prevenção o novo Bispo. Não tardou muito, porém, que uma grande mudança se operasse na ímpia cidade. Primeiro as crianças e depois os pais começaram a modificar as suas opiniões acêrca daquele homem extraordinário que tanto interêsse dedicava ao bem-estar geral.

Até o Vigário de Roma, Cardeal Parocchi, informou a Sua Santidade:

— *José Sarto é um dos melhores Bispos da Itália do Norte.*

O Papa Leão XIII tivera conhecimento da prodigiosa transformação alcançada em Mântua, e já designara nova e difícil tarefa para o jovem Bispo! Êle iria ser o Cardeal Patriarca de Veneza!

Colégio ao Ar Livre

O Cardeal Patriarca Sarto fechou o seu breviário e sorriu. Ouvira vozes de crianças que corriam através do parque, o que transportou o seu pensamento para os tempos em que seus próprios irmãos irrompiam assim à sua volta. Tudo havia mudado desde então. Uma prece fugaz em memória de sua mãe perpassou-lhe a mente.

— *Eis-me aqui agora,* — pensou, com o sorriso cristalizado no rosto — *o mais deslocado de todos os Cardeais Patriarcas de Veneza! Tenho me esforçado por bem proceder, mas não fui feito para um palácio, nem para as etiquêtas da Côrte. Entendi-me muito bem com o rei Humberto, soberano da Itália. Ninguém antes de mim conseguiu tanto.*

Nisto o grupo de crianças o cercou e um menino disse:

— *Eminência, eu me lembro da resposta à pergunta que me fizestes ontem!*

— *Deveras? E qual foi a pergunta? Vocês sabem como sou esquecido!*

— *Vossa Eminência quis saber por que Deus me criou!*

— *É verdade! Exatamente! Como pude eu esquecer isso? Então, diga-me, Georgio, por que foi que Deus o criou?*

O menino empertigou-se e disse orgulhosamente:

— *Deus me criou para conhecê-lO, amá-lO, servi-lO e ser feliz com Êle eternamente, no Céu!*

— *Muito bem, Georgio, ótimo! Você merece uma recompensa!*

O Patriarca meteu a mão no bôlso à procura da moeda que sabia estar ali (não enchia êle os bolsos, todos os dias, antes de ir para o jardim, para os esvasiar com as crianças pobres?).



O Cardeal Patriarca

Leão XIII morreu. Cardeais de todo o mundo se preparavam para o Conclave.

Quando anunciaram ao Cardeal Patriarca que a sua gôndola o esperava, seu coração se confrangeu. Vinha-lhe à mente a recordação do seu primeiro encontro com Leão XIII. Um sorriso suave percorreu o seu rosto ao relembrar o momento da apresentação de sua mãe ao Soberano Pontífice:

— *Ah, o senhor ainda tem mãe! Felicitações!* — dissera S. Santidade.

E outra recordação de Leão XIII lhe veio à memória. Foi no dia em que êle chegou a Roma para receber a notícia da sua designação para Cardeal Patriarca de Veneza:

— *Nossos parabéns ao amado filho que tão dignamente soube conduzir a Igreja de Mântua, como verdadeiro Pastor de suas ovelhas!*

E a série de imagens do passado se lhe esvoaçaram da memória, quando deixando a gôndola se aproximou da estação que o levaria a Roma. Um tumulto se elevou e o Patriarca viu-se cercado pelos alegres venezianos que se acotovelavam.

— *Até à volta, Eminência! Felicidade em Roma!*

— *Mas... tôda esta gente está aqui para me dizer adeus?*

— *Sim, Eminência,* — observou um dos que formaram um círculo a fim de o proteger do apêrto — *mas, tememos que Vossa Eminência não volte... mais!*

— *Vocês imaginam que eu possa ser eleito? Qual... isso é absurdo! Ora essa... olhem, eu tenho, até, bilhete de ida e volta!*





A Eleição

O Cardeal Patriarca de Veneza estava de pé no meio da Capela Sistina. Seus braços abertos pareciam implorar. Êle havia feito o possível para convencer os outros Cardeais de que não era digno de suceder ao Papa Leão XIII.

Durante os três dias decorridos, o Cardeal Sarto constatara, consternado, que os votos a seu favor iam aumentando ràpidamente. A cada apuração êle recebia mais votos dos Cardeais reunidos.

Imenso fardo parecia descer sôbre os seus ombros... o fardo de tôda a Igreja Católica que deveria ser carregado por aquêle que fôsse eleito.

Na manhã do quarto dia de agôsto de 1903, o Cardeal Sarto havia recebido o último número necessário. Se êle aceitasse o cargo, iria ser o 259.º homem a ocupar o trono de São Pedro como Vigário de Cristo. Então chegou o momento solene da pergunta. Todos os olhos se fixaram no Cardeal Sarto quando lhe perguntaram:

— *Aceitais a vossa eleição canônica para o Supremo Pontificado?*

O Cardeal se ergueu lentamente. Durante muito tempo não disse nada. Finalmente a sua bôca entreabriu-se para responder em voz tão baixa que muitos dos Cardeais tiveram dificuldade em ouvir:

— *Seja feita a Sua vontade.*

Faltava ainda uma formalidade. Cada Papa, ao ser eleito, toma novo nome, e quando perguntaram ao Cardeal Sarto qual seria o seu nome êle respondeu:

— *Pio.*





Pio X

O mundo inteiro era agora a paróquia de José Sarto — o Papa Pio X. A possibilidade de ser eleito Papa o atemorizara; mas, uma vez coroado, todo seu pensamento se virou para, universalmente, "*Restaurar tudo em Cristo*".

Um dos seus primeiros atos foi apontar os erros dos que êle chamava "modernistas". Êstes propagavam novas idéias sôbre a religião sem levar em conta as verdades que Deus havia transmitido ao homem. Pio X sabia que antes de poder "*Restaurar tudo em Cristo*", tais idéias deviam ser declaradas falsas.

Como é natural, grande parte dos modernistas acusava o Papa de ser antiquado, mas Pio X provou plenamente não se tratar de ser ou não antiquado, mas apenas de estar certo ou errado. A Igreja e o Papa estavam com a razão; os modernistas estavam errados.

Outro dos seus primeiros cuidados foi com relação à música de Igreja. Pio X escreveu o que pensava da verdadeira música religiosa e o publicou poucos meses depois de ter sido eleito. Durante todo o seu pontificado êle continuou a trabalhar por uma apreciação e um conhecimento mais amplos dessa forma de prece musical.

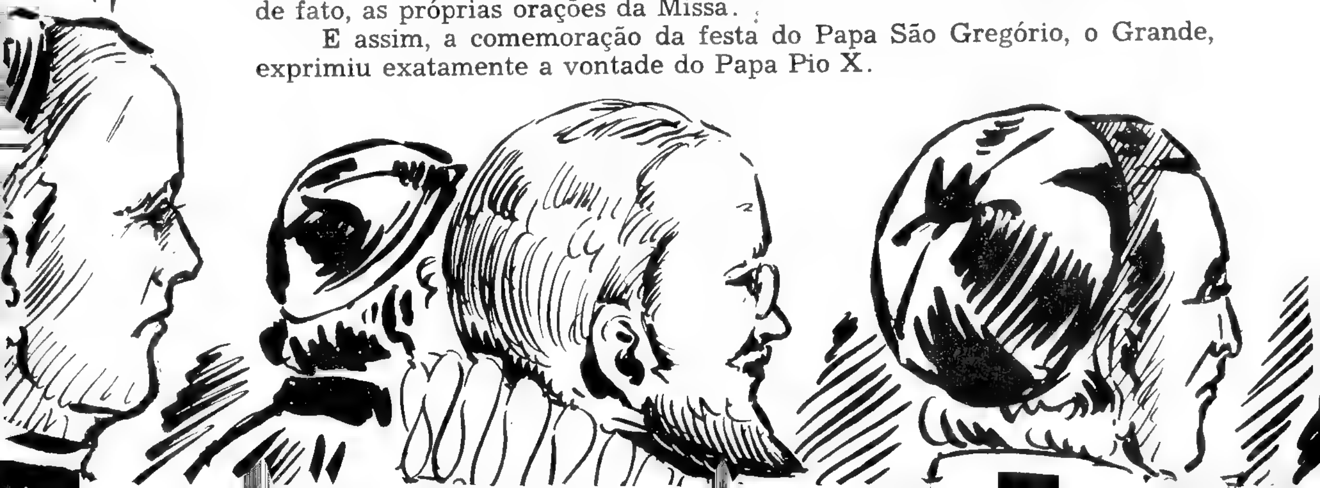
Em 1904, Don Perosi, que era agora maestro de coros do magnífico côro da Capela Sistina, preparou uma grande surprêsa para o Papa. Naquele ano a Igreja comemorava o décimo terceiro centenário da morte do Papa São Gregório, o Grande, conhecido como o introdutor dos Cânticos Gregorianos. Pio X anunciou que êle próprio iria celebrar a missa no dia do aniversário.

Don Perosi lembrou-se de que o Papa havia, certa vez, manifestado o desejo de ouvir a Missa dos Anjos (uma das antigas missas gregorianas cantadas) entoada por um côro de cem vozes. Reuniu então os melhores cantores de todos os seminários de Roma e os ensaiou cuidadosamente.

E no dia da cerimônia, o Papa ouviu a Missa dos Anjos cantada por um côro de mais de mil e quatrocentas vozes, em lugar de apenas cem!

O que mais agradou ao Papa nesse dia foi poder provar ao mundo não haver nenhuma razão para que uma congregação inteira não pudesse cantar a música da Missa em côro. O Papa Pio X havia sempre insistido em que os fiéis não só rezassem durante a missa, mas também fizessem, de fato, as próprias orações da Missa.

E assim, a comemoração da festa do Papa São Gregório, o Grande, exprimiu exatamente a vontade do Papa Pio X.









O Papa da Eucaristia

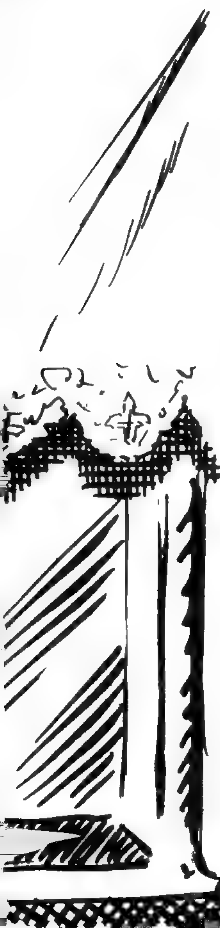
"Restaurar tudo em Cristo!" — eis uma aspiração sublime! Aquêles que pretendem realizar êsse ideal necessitam de todo auxílio de Deus. Mas o Papa Pio X, que compreendera que mais ainda do que o auxílio divino, era necessário receber o próprio Deus, o mais seguidamente possível, iria pôr em prática o seu ideal tão acalentado.

Em 1905, um ano e meio apenas depois da sua coroação, Pio X transmitiu ordens a tôda a Igreja com relação à Comunhão. Embora o Concílio de Trento, celebrado muitos séculos antes do pontificado de Pio X, houvesse deliberado que todo católico devesse receber a Comunhão seguidamente — todos os dias se possível — os membros isolados da Igreja se haviam afastado dessa obrigação. Tornara-se crença geral, visto ser a Santa Comunhão coisa tão sagrada, que para se poder aproximar do Altar do Senhor era necessário encontrar-se em estado de absoluta pureza.

E as coisas chegaram a tal ponto que poucos católicos se julgavam dignos de receber o Senhor mais de uma vez por mês. Nem os próprios padres ousavam recomendar a Comunhão diária.

Foi então que o Papa Pio X resolveu estudar o problema. Êle viu claramente que nos antigos tempos da Igreja era uso receber a Comunhão como parte da Missa. Compreendeu e salientou Pio X que, a fim de rezar a Missa como êle havia recomendado na sua pastoral sôbre música sacra, os fiéis deveriam ir à Comunhão, contanto que, bem entendido, se encontrassem em estado de graça. E isto foi aceito por todos os fiéis.

No seu regulamento êle chamava a atenção para o fato de que nenhum ser humano, por melhor que seja, jamais é verdadeiramente digno de receber a Sagrada Comunhão. O homem, simplesmente, não é digno de Deus em tempo algum. Êle demonstrou também que a Comunhão não é uma recompensa para ninguém, mas deve fortalecer a alma de quem a recebe e ajudá-lo a tornar-se melhor.



Cinco anos mais tarde o Papa Pio X expediu novas instruções sôbre a Comunhão. Desta vez eram destinadas às crianças. Naquele tempo, as crianças só podiam receber a Comunhão depois dos treze anos. Êle próprio havia feito a Primeira Comunhão ao ser crismado. Agora, em 1910, êle começava o seu decreto lembrando como o próprio Cristo se sentia feliz quando as crianças O rodeavam. Jesus dissera: *"Deixai vir a mim as criancinhas"*. E também recordava que nos tempos antigos as crianças podiam receber a Comunhão em seguida ao batismo.

Então êle anunciou a sua decisão: tôdas as crianças poderiam receber a Comunhão ao alcançar a idade da razão! Isto significava que, tendo idade bastante para compreender a grandeza da Sagrada Eucaristia e sendo capazes de distinguir entre o bem e o mal, tôda criança católica estaria apta a receber o Senhor.

Os dois decretos do Papa Pio X sôbre a Sagrada Comunhão foram recebidos com grande regozijo pela Igreja, embora houvesse ainda quem não se julgasse digno ou achasse que as crianças de seis e sete anos não poderiam compreender o sentido do Sacramento da Eucaristia. Todavia, os muitos anos decorridos entre os decretos do Papa Pio X e o nosso tempo demonstraram que não só as suas decisões estavam certas como importaram em benefícios incomensuráveis no sentido de que assim o mundo estava apto a melhor se *"Restaurar em Cristo!"*



O Papa Sacerdote

Alguém disse que a única diferença entre o Padre Sarto e o Papa Pio X era a extensão da sua paróquia. Verdade é que o Papa Pio X nunca deixou de ver as coisas como qualquer simples padre as deveria ver, e que êle tudo fêz quanto era possível para tornar bem claro, a todos, o que se esperava dêles.



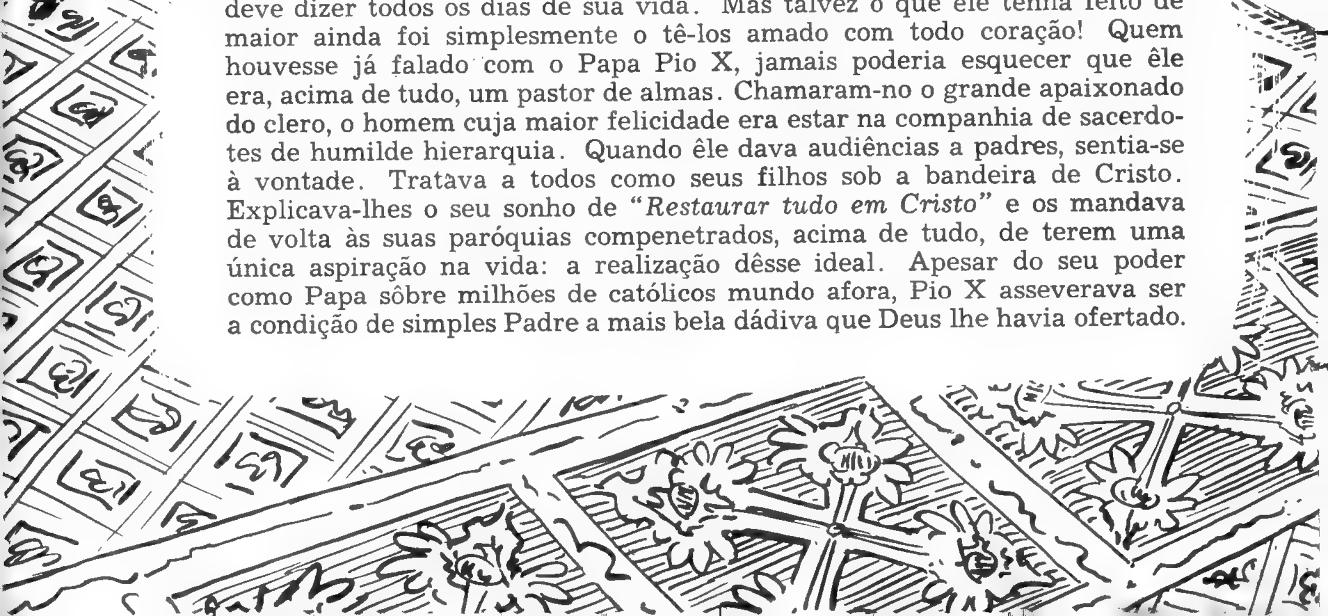


Se o mundo inteiro devia ser "*Restaurado em Cristo*", essa restauração deveria ter lugar sob a direção do clero. Pio X queria determinar-lhes o caminho e dar-lhes todo o apoio.

Uma coisa que fêz o seu nome passar à História, é a sua revisão das Leis Canônicas e da Cúria Romana. Assim como os governos têm os seus códigos e as suas leis, também a Igreja tem as suas leis, que são conhecidas pelo nome de Código das Leis Canônicas. A Cúria Romana é o grupo de cargos, sob a direção do Papa, que trata dos assuntos religiosos e profanos de tôda a Igreja. Pio X compreendeu que ambos, o Código das Leis Canônicas e a Cúria, necessitavam de grandes reformas para executarem em todos os seus detalhes o importante programa da restauração. Dedicando-se logo a essa grande obra, êle pôde tornar públicas em 1908 as novas divisões da Cúria; mas o Código das Leis Canônicas ia demorar muito mais. Quando Pio X foi eleito Papa, muito pouca gente sabia que extraordinário estudioso êle havia sido durante a sua vida. E quando êle anunciou que ia começar a revisão das Leis Canônicas, muitos sacudiram a cabeça, duvidando da sua capacidade para a tarefa. Mas êle nomeou uma comissão dos mais eruditos conhecedores das Leis Canônicas da Igreja e deu início ao trabalho com tôda a sua velha energia. Os trabalhos continuaram durante anos, e quando cada parte da lei era estudada, o Papa pessoalmente tomava parte nos debates a fim de torná-la o mais clara e precisa possível.

Por fim o trabalho foi terminado. O Papa Pio X havia marcado 1915 como o ano em que essa obra gigantesca seria oficialmente declarada pronta e a nova Lei entregue ao mundo. Infelizmente, êle veio a falecer em 1914 e a honra de publicar o novo Código das Leis Canônicas coube a seu sucessor, o Papa Bento XV.

Pio X fêz ainda muitas outras coisas para os clérigos, inclusive a revisão do Breviário, o livro oficial de orações da Igreja que cada padre deve dizer todos os dias de sua vida. Mas talvez o que êle tenha feito de maior ainda foi simplesmente o tê-los amado com todo coração! Quem houvesse já falado com o Papa Pio X, jamais poderia esquecer que êle era, acima de tudo, um pastor de almas. Chamaram-no o grande apaixonado do clero, o homem cuja maior felicidade era estar na companhia de sacerdotes de humilde hierarquia. Quando êle dava audiências a padres, sentia-se à vontade. Tratava a todos como seus filhos sob a bandeira de Cristo. Explicava-lhes o seu sonho de "*Restaurar tudo em Cristo*" e os mandava de volta às suas paróquias compenetrados, acima de tudo, de terem uma única aspiração na vida: a realização dêsse ideal. Apesar do seu poder como Papa sôbre milhões de católicos mundo afora, Pio X asseverava ser a condição de simples Padre a mais bela dádiva que Deus lhe havia ofertado.





O Grande Mestre

Já muito antes de ser eleito Papa, Pio X atribuía ao desconhecimento da verdade religiosa a origem de todos os males que afligem o mundo. Mesmo antes de ser ordenado padre êle impressionava os professôres do seminário pelo afinco com que estudava para saber qual a melhor maneira de ensinar a religião.

Era sua convicção que, para *"Restaurar tudo em Cristo"*, primeiro era necessário mostrar a todos quem é Cristo e tudo que tratasse da Igreja ser ensinado. Talvez nunca tenha havido um Papa que chegasse ao Sumo Pontificado mais habilitado para ensinar ao mundo a religião. E mesmo que êle não tivesse feito mais nada, a Igreja nunca poderia esquecê-lo pelos seus grandes esforços em divulgar os conhecimentos da Verdade de Deus.



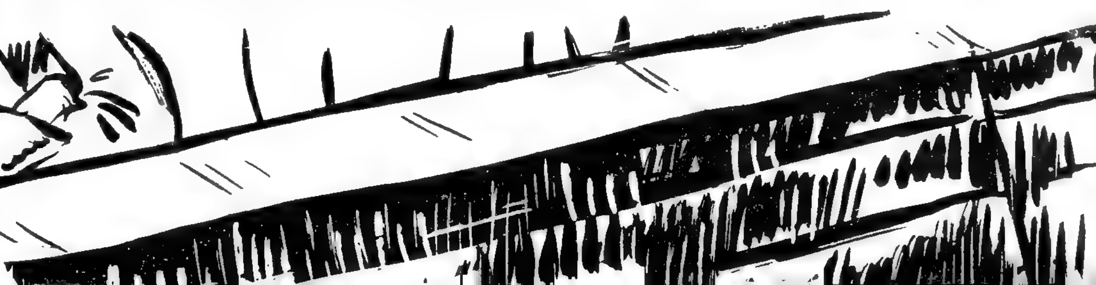


Dois meses depois da sua eleição êle escreveu uma Encíclica dizendo que o seu primeiro cuidado seria formar Cristo naqueles que O iriam formar nos outros — isto é, nos seminaristas que iam ser padres. Êle dizia a êsses homens que através os seus esforços a ignorância da Verdade teria que ceder lugar aos ensinamentos de Cristo. Mas êle entendia que o ensino do catecismo não era reservado exclusivamente aos padres. Êle tornou bem claro que os leigos da Igreja também deveriam partilhar dêsse projeto, e assim teve início o grande movimento que hoje conhecemos sob a denominação de Ação Católica. Êle dizia que os leigos deviam ensinar sob a direção dos seus Bispos — os quais haviam recebido ordens do Próprio Cristo para ministrar os seus ensinamentos. E nada existia de mais belo do que o que um leigo pudesse fazer pela Igreja.

Dizendo isto, o Papa Pio X tinha em mente tôda a história da Igreja Católica. Êle sabia o quanto a Igreja havia insistido para que os seus membros seguissem as ordens de Cristo: *"Ide e pregai a tôdas as nações..."*; e como ela lutara a fim de melhorar os métodos e a organização dêsses professôres. A organização em que êle punha todo o pensamento era a confraria conhecida como Confraternidade da Doutrina Cristã.

Esta sociedade havia sido fundada séculos antes, no tempo do Papa São Pio V. Os seus membros comprometiam-se a auxiliar a divulgação dos conhecimentos e das verdades da sua religião. A Igreja sempre apoiou esta sociedade e no tempo do Papa Pio X ela se havia espalhado por todo o mundo.

O Papa ordenou que a Confraternidade da Doutrina Cristã fôsse instalada no mundo inteiro, para que cada pessoa, sem exceção, tivesse oportunidade de aprender os ensinamentos da Igreja Católica. E acentuava que a Confraternidade era, de fato, uma associação de leigos, embora dirigida por padres guiados pelos seus Bispos, portanto a maior expressão da Ação Católica, e os católicos de todo o mundo estariam sempre sendo solicitados a integrá-la. Os leigos que se unem à Confraternidade da Doutrina Cristã e cumprem o seu dever, são, na opinião do Papa Pio X, os que mais fazem pela Igreja Católica. São leigos tomando parte na tarefa de *"Restaurar tudo em Cristo!"*





Morre Um Grande Papa

Os primeiros canhões de grosso calibre da primeira grande guerra mundial começavam a esburacar a cortina de desconfiança que envolvera a Europa durante o ardente verão de 1914. Diplomatas, mundo afora, haviam acabado por se afastar, encolhendo os ombros, para soltar as feras da guerra que havia meses rosnavam nos bastidores da História.

As grandes nações da Europa reuniam, apressadas, os seus soldados, para dá-los como repasto a uma bôca faminta que pedia tudo em troca de ruínas.

O Papa Pio X, sòzinho, havia parlamentado com quase todos os chefes de govêrno capazes de impedir o conflito, mas em vão. O mundo queria a guerra! A paz de Cristo e a palavra de Cristo tinham sido desprezadas pelos poderosos do mundo. E agora deveriam todos aguardar a decisão pelas armas.

No pequeno aposento do Palácio do Vaticano reinava o silêncio. Ali não troavam canhões; apenas a respiração laboriosa do doente em cima da cama quebrava aquêle silêncio. Dignitários da Igreja, ao redor do leito, rezavam tristemente as orações dos mortos. Nenhum dêles ignorava que aquêle homem estava morrendo de desgôsto. Êles bem se lembravam das suas palavras, nos últimos meses, intercedendo pela paz... Muitas vêzes êle se referira à luta que então parecia improvável à maior parte dêles como *"a guerra que está para vir"*, e de uma feita dissera a um aristocrata italiano:

— *De bom grado eu daria a minha vida se com isso pudesse comprar a paz para a Europa!*

Estas palavras não soavam como as de um poderoso Papa. Mais uma vez elas eram palavras do cura da aldeia de Tombolo suplicando que tudo fôsse *"Restaurado em Cristo!"*

Um Monsenhor, súbito, recordou com orgulho as palavras do seu chefe no dia em que o conflito armado estourou. O Embaixador da Áustria havia pedido a bênção do Papa para os exércitos austríacos. Pio X empertigou-se a todo comprimento e declarou com grande dignidade:

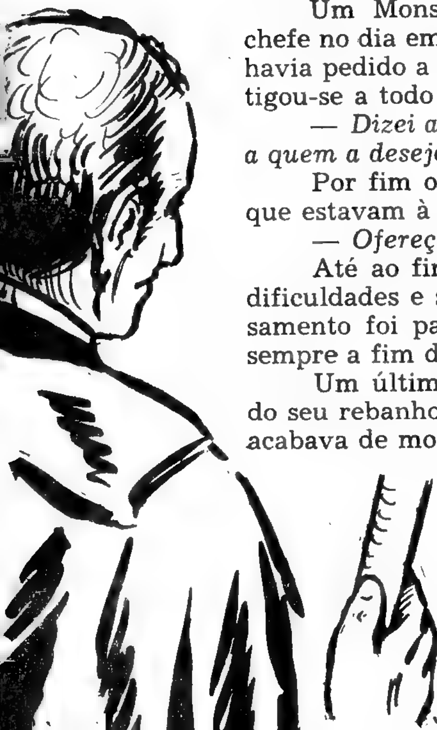
— *Dizei ao vosso Imperador que eu não posso abençoar a guerra, nem a quem a desejou. Eu abençôo a paz!*

Por fim o moribundo falou. Dirigindo-se ao seu confessor e a todos que estavam à sua cabeceira, êle disse:

— *Ofereço a minha vida a Deus pelas vidas dos Seus e meus filhos.*

Até ao fim êle foi fiel à sua missão. Êle havia passado por muitas dificuldades e sofrera tôda sorte de desgostos. Mas o seu derradeiro pensamento foi para o seu rebanho e para Deus, para quem êle trabalhara sempre a fim de reedificar o Seu reino na terra.

Um último alento... e êle partiu. O Pastor se foi para dar contas do seu rebanho ao Senhor. Era o dia 20 de agôsto de 1914. O Papa Pio X acabava de morrer.







A CANONIZAÇÃO

Pio X, o 259.º ocupante da cadeira de São Pedro, foi o 78.º Papa que a Igreja incluiu no Livro dos Santos.

Sua canonização realizou-se a 29 de maio de 1954.

Seu renome de santidade começou a correr logo após seu falecimento. Não tardou em se falar de milagres devidos à sua intervenção. Em 1923, os Cardeais residentes em Roma se reuniram a fim de promoverem a Beatificação e as diferentes etapas da Canonização.

O "processo" desta registrou rápidos progressos e a Beatificação se deu a 3 de junho de 1951. Três anos depois terminava a causa da Canonização e, finalmente, Sua Santidade Pio XII o proclamou um dos Santos da Santa Madre Igreja Católica, Apostólica e Romana, como "O Papa da Eucaristia", o Papa da bondade e da doçura.

Desde há uns 25 anos a Igreja Católica não proclama Santo um dos seus Pontífices Supremos.

A cerimônia desenrolou-se com solenidade. Milhares de pessoas, representando todos os países, enchiam os locais desde muito cedo do dia. O cosmopolitismo notava-se pelas placas dos automóveis: placas de todos os países da Europa e também das Américas. Depois os automóveis retiraram-se da praça, deixando lugar para os fiéis. À frente da Basílica Vaticana, o grande estandarte do novo Santo, coberto por um véu, que nêle ficou até o Pontífice proclamar a fórmula da canonização. À entrada da Basílica o trono papal.

Durante os preparativos, os Cardeais, membros do Episcopado e Superiores das Ordens Religiosas reuniram-se nas salas próximas da Capela Sistina, onde se devia formar o cortejo papal.

Precedido por um prelado levando a Cruz, o Santo Padre chegou à Capela Sistina. Na pequena sacristia da Capela, Pio XII revestiu-se da capa branca e da Mitra laminada de prata. Penetrou, a seguir, na Capela ornada pelos famosos afrescos de Miguel Ângelo, e se prostrou em longa adoração ao Santíssimo Sacramento exposto no Altar. A seguir, o Pontífice levantou-se e entoou o Canto em honra da Virgem "Ave Maris Stella". Ao terminar o Hino, aproximou-se o Cardeal Gaetano Cicognani, mestre da causa da canonização, e entregou à Sua Santidade um círio aceso.

Sua Santidade, sustentando o círio, instalou-se na "sedia gestatoria". O cortejo partiu então pela grande escadaria que leva à Porta de Bronze.

A multidão, ao ver as Mitras brancas dos Bispos e Cardeais, que precediam a "sedia", prorrompeu em aclamações ao Papa. O clamor do povo e os lenços brancos agitados frenèticamente davam a idéia de um campo de flôres sacudido pelo vento.

A onda das Mitras brancas dos Cardeais e Bispos atingiu a esplanada em que se ia desenrolar a cerimônia. E quando a "sedia" subiu a ladeira que conduz ao Átrio, os coros começaram o "Tu es Petrus".

O Santo Padre instalou-se, por fim, no trono. Deu-se o desfile dos Cardeais, para o "ato de obediência" ao Papa, que se foram colocar, a seguir, nos seus bancos ao pé do trono. O Cardeal Cicognani, Mestre da Congregação dos Ritos, aproximou-se, então, do trono, acompanhado de um Advogado Consistorial vestido de prêto. O Advogado Consistorial dirigiu-se ao Papa, em latim, e fêz o "pedido para que se digne consentir que o Bem-aventurado Pio X seja inscrito no Livro dos Santos". Antigamente êsse pedido era repetido três vêzes, mas, para simplificar a cerimônia, desta vez foi feito apenas uma. Monsenhor Bacci respondeu, em nome do Papa, também em latim, para dizer que "Sua Santidade estava persuadido de que a canonização de Pio X era uma coisa agradável a Deus, mas exigia que se invocasse ainda a Assistência Divina."

Depois dessas palavras, o Pontífice Pio XII ergueu-se, depôs a Mitra e se ajoelhou no genuflexório de metal dourado, colocado aos pés do

trono, enquanto o Cardeal Canali convidou a assistência a imitar o Soberano Pontífice a entoar o "Veni Creator Spiritus", cântico com o qual a igreja invoca a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

Terminado o cântico, Sua Santidade Pio XII tomou de novo a Mitra e se reinstalou no trono. A multidão de dignitários e fiéis permaneceu de pé. Foi o momento solene da cerimônia.

Então Pio XII falou "ex-cathedra", com todo seu poder e tôda sua autoridade de Chefe Supremo e Magistrado Máximo da Cristandade:

— Em honra da Santa e Indivisível Trindade — disse o Papa — para a exaltação da Fé Católica e pela expansão da Religião Cristã, em virtude da autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos Bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo, assim como da Nossa, depois de madura deliberação e tendo constantemente invocado o socorro Divino e solicitado a opinião de Nossos Veneráveis Irmãos, os Cardeais da Santa Igreja Romana, os Patriarcas, os Arcebispos e os Bispos, *decretamos* e *definimos* Santo e inserimos no catálogo dos Santos o Bem-aventurado Pio X, estabelecendo que em sua memória o dia 20 de agôsto seja celebrado piamente todos os anos pela Igreja Universal.



O Papa Pio XII abençoa a multidão, ao ser conduzido para o local da cerimônia em que Pio X foi elevado à Santidade.

Os sinos tocaram logo que as últimas palavras do Papa ecoaram. A multidão aplaudiu. Parecia uma tempestade. Houve um movimento em tôrno do trono. Foi a "postulação" que se aproxímou para agradecer ao Papa.

Pouco a pouco, fêz-se silêncio e a voz do Papa, logo após, ouviu-se de novo para entoar o *Te Deum Laudamus* de ação de graças, que a multidão repetiu em côro uníssono.

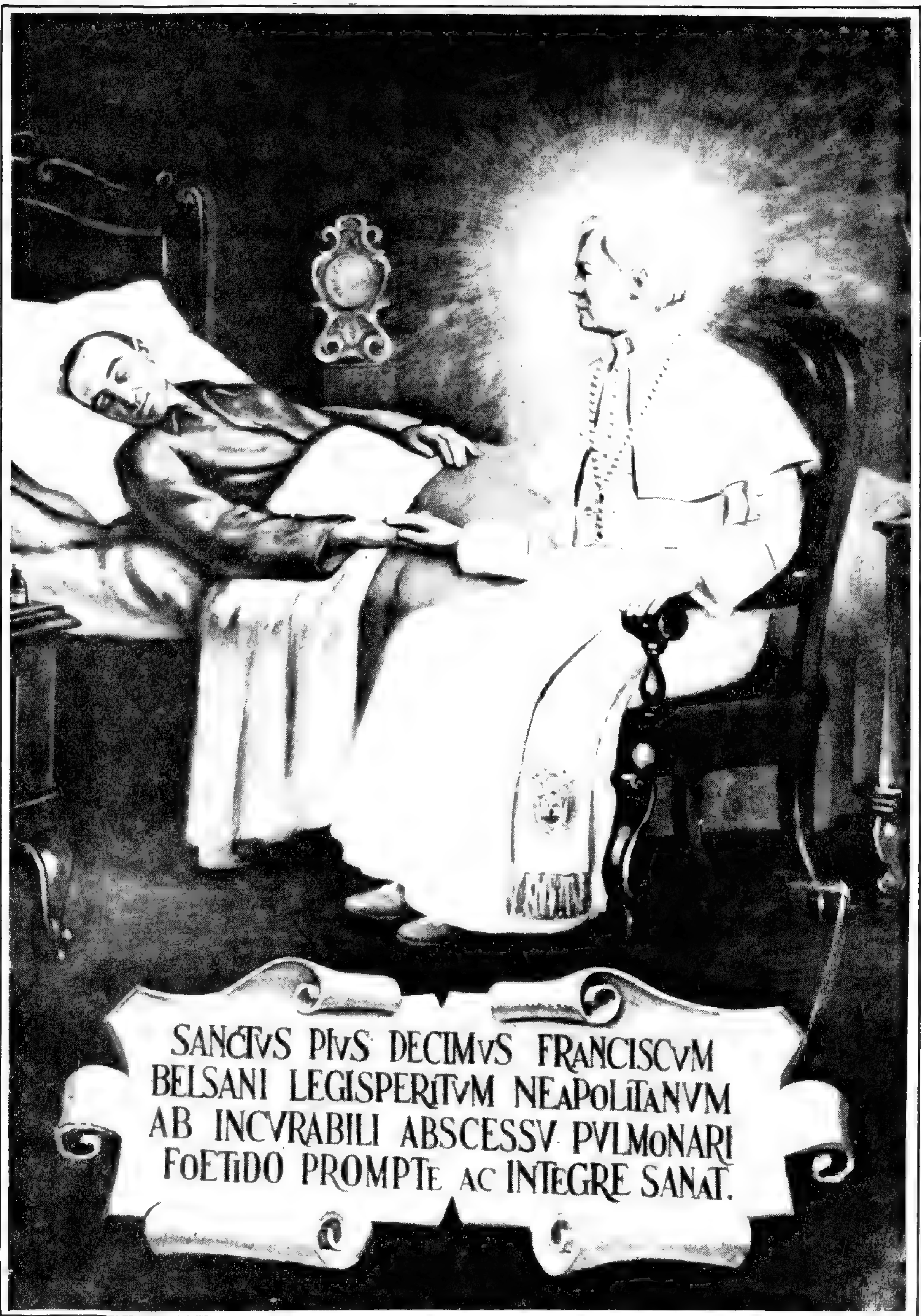
A seguir o Cardeal Canali pronunciou pela primeira vez a invocação do novo Santo: *"Orai por nós, Santo Pio"*.



O ataúde de cristal com o corpo do novo Santo da Igreja Católica, Pio X, num flagrante colhido quando era transportado para a Basílica de Santa Maria Maior.



São Pio X aparece à freira Maria Ludovica Scorcia, curada de meningite.

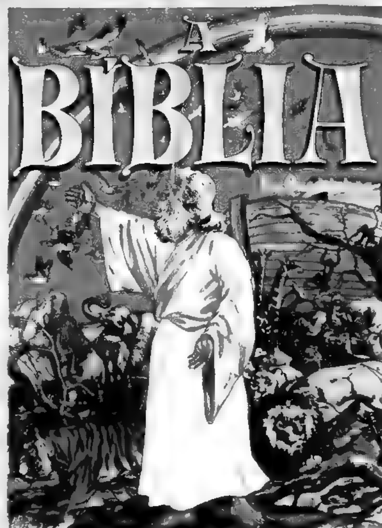


São Pio X aparece ao advogado Francisco Belsani, de Nápoles, curado de uma doença pulmonar considerada fatal.

O Grande Livro da Sabedoria

AGORA TOTALMENTE EM QUADRINHOS!





Cr$ 100,00

★ **Para Mais Fácil Leitura!**

★ **Para Melhor Compreensão!**

★ **Desenhos de Impecável Beleza!**

Com a Aprovação das Autoridades Católicas.

Outras Edições da



Em Quadrinhos:



- N.º 1 — HISTÓRIA DO PAPA PIO XII.
- N.º 2 — HISTÓRIA DE N.S. DE FÁTIMA (3.ª Edição).
- N.º 3 — HISTÓRIA DA VIRGEM MARIA (2.ª Edição).
- N.º 4 — REI DOS REIS (Adaptação Fotográfica da Vida de Cristo).
- N.º 5 — HISTÓRIA DE CINCO SANTOS (São Tomé, Santa Margarida, Santa Germana, São Cristóvão e Santa Zita).
- N.º 6 — HISTÓRIA DE SANTA JOANA D'ARC.
- N.º 7 — HISTÓRIA DE QUATRO MISSÕES (I — A Fé Era a Sua Espada; II — O Apostolado Do Sagrado Coração; III — Missão Para Com o Mundo; IV — Como Os Frades Foram Para Os EE.UU.).

Cr$ 5,00



HISTÓRIA DE JESUS
(100 Páginas)

Cr$ 10,00





Sr. Gerente da Editôra Brasil-América Limitada
Rua General Almério de Moura, 302
Rio de Janeiro

Pelo Serviço de Reembôlso Postal, sem aumento de preço, peço-lhe enviar-me um exemplar da BÍBLIA EM QUADRINHOS, cujo valor, Cem Cruzeiros, pagarei ao Correio da minha localidade quando do mesmo receber o aviso da chegada dessa encomenda. Aproveitando a oportunidade, peço-lhe enviar-me os seguintes números da SÉRIE SAGRADA: [1] [2] [3] [4] [5] [6] [7] e [História de Jesus] (risque com uma cruz o *que não desejar*).

Nome ....

Rua e N.º ....

Cidade .... *Estado* ....

Observações ....

....

Maravilhoso!



Modêlo em Miniatura do Presépio de Natal

- Impresso em Policromia!
- Totalmente em Cartolina Triplex!
- Já Recortado, Vincado e Picotado!
- Para Sua Montagem, Não Precisa de Cola Nem Tesoura!
- Formato do Presépio Pronto: Quase Um Metro de Largura!

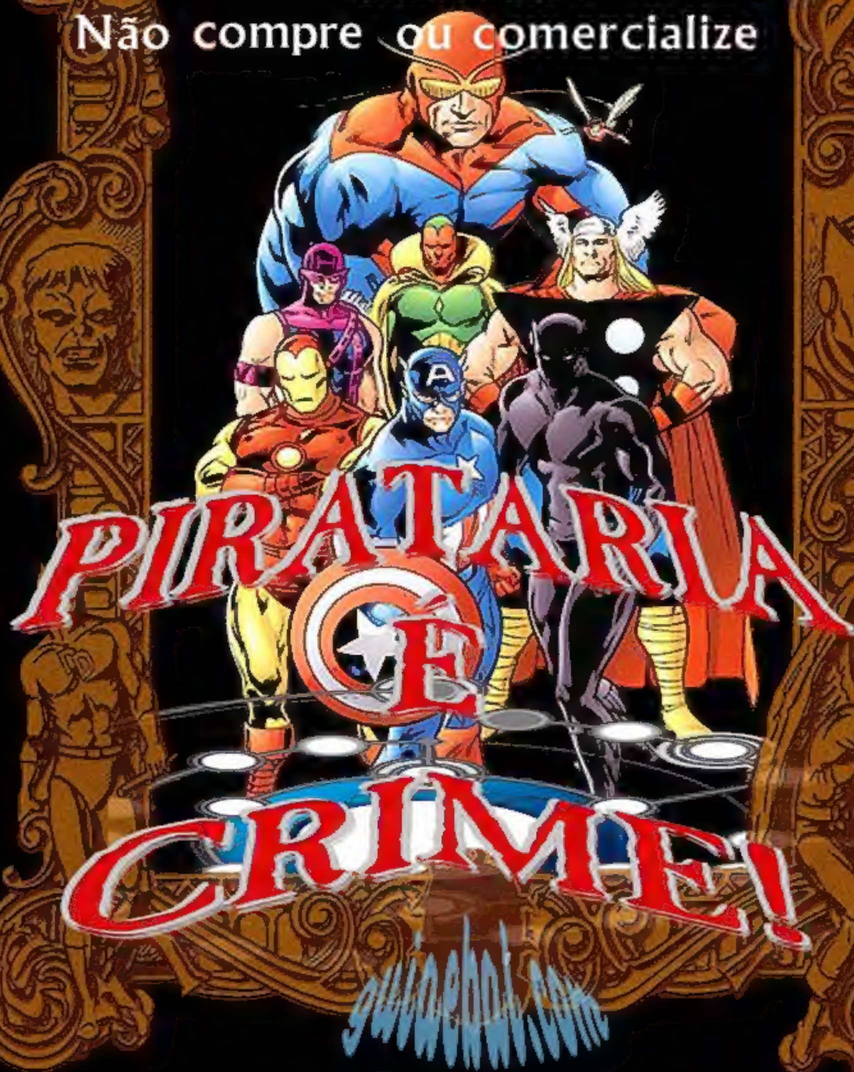
Um Lançamento Espetacular da
EDITÔRA BRASIL-AMÉRICA LIMITADA
Rua General Almério de Moura, 302
Rio de Janeiro



(Quadro Colocado na Fachada da Basílica de São Pedro, Durante a Solenidade da Proclamação do Novo Santo).

Você acabou de ler mais um Scan Produzido e Restaurado de Fã para Fã, direto de nossa coleção Particular e distribuido gratuitamente e que já tem seus direitos registrados pelas respectivas Editoras.

Não compre ou comercialize



www.guiaebal.com





Guia Completo de todas as HQ´s lançadas pela EBAL.
Centenas de Scans de Séries Completas!